

SESSÕES DO PLENÁRIO

38ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 15 de setembro de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 75 anos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia e do centenário de Mãe Mirinha de Portão, requerida por esta deputada.

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues; Sr.^a Mameto Kamurici, do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia; Sr.^a Luciana Mandelli, minha querida companheira e amiga, diretora-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), que neste ato representa o secretário de Cultura do estado da Bahia, Bruno Monteiro. (Palmas)

Convido a minha querida amiga, Sr.^a Moema Gramacho, prefeita do município de Lauro de Freitas, ex-deputada estadual e ex-deputada federal; o Sr. Ailton Ferreira, assessor especial da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Bahia, meu querido amigo, que neste ato representa a secretária Fabya Reis; a Sr.^a Ebomi Nice, do Terreiro Casa Branca; a Sr.^a Jaciara Ribeiro, ialorixá do Terreiro Axé Abassá de Ogum; a Sr.^a Márcia d'Ògún, ialorixá do Terreiro Ilê Axé Ewá Olodumare; o Sr. Táta Ricardo Tavares, do Terreiro de Lembá; o padre Lázaro Muniz, pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, querido amigo. (Palmas)

Neste momento, convido todos a ficarem de pé para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, tocado pelos filhos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido para compor a nossa Mesa o Dr. Ivanilton Santos da Silva, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; e o Sr. Marcelino Galo, ex-deputado e nosso companheiro de caminhada. (Palmas)

Neste momento, assistiremos a um vídeo sobre o Terreiro de São Jorge da Goméia.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido para fazer parte da nossa Mesa a ebomi Vanda Machado. (Palmas)

A Sr.^a **PRESIDENTA** (Maria del Carmen): Como proponente da sessão especial, farei meu pronunciamento.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN: Mais uma vez, bom dia a todas, todos e “todes”. A emoção e a alegria de termos todos vocês e todas vocês aqui nesta Casa.

Queria cumprimentar a Mesa, cumprimentando, inicialmente, a Sr.^a Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues; a Sr.^a Mameto Kamurici, do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia; o Sr. Ivanilton Santos da Silva, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; a Sr.^a Luciana Mandelli, diretora-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, que neste ato representa o secretário de Cultura do estado da Bahia, Bruno Monteiro, obrigada pela sua presença. (Palmas)

Cumprimento minha querida amiga Moema Gramacho, ex-deputada desta Casa, fomos colegas, fizemos aqui o mandato juntas, ela foi deputada federal e agora é prefeita de Lauro de Freitas, onde se situa o terreiro, por quase quatro mandatos. Cumprimento o Sr. Ailton Ferreira, assessor especial da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Bahia, meu querido amigo de longas datas, que neste ato representa a secretária Fabya Reis. Cumprimento e agradeço a presença da Sr.^a Ebomi Nice, do Terreiro Casa Branca, pela sua coragem e determinação para vir aqui estar conosco demonstrando seu compromisso. (Palmas)

Cumprimento a ebomi Vanda Machado; a Sr.^a Jaciara Ribeiro, ialorixá do Terreiro Axé Abassá de Ogum; a Sr.^a Márcia d’Ògún, ialorixá do Terreiro Ilê Axé Ewá Olodumare; o Sr. Táta Ricardo Tavares, do Terreiro de Lembá, em Camaçari. Cumprimento e agradeço a presença do nosso querido padre Lázaro Muniz, pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; meu amigo e companheiro de caminhada, ex-deputado nesta Casa por vários mandatos, Sr. Marcelino Galo.

Minhas senhoras e meus senhores; lideranças religiosas do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, de forma especial a Mameto Kamurici, a nossa querida mãe Lúcia e as demais pessoas presentes, bom dia! É uma alegria enorme, uma emoção muito grande estar aqui participando deste evento, tendo tido a oportunidade de fazer com que ele pudesse acontecer, trazendo essa homenagem a um terreiro que tem uma caminhada tão longa e que, como várias outras entidades que aqui estão... É emoção tê-los aqui, abrindo esta Casa, que é a Casa do Povo, para que todos vocês, muitos de vocês possam estar nesta Casa, representando esse segmento tão importante da nossa cultura e da nossa religiosidade.

(Lê) “Peço licença aos mais velhos; bênção a mãe ebomi Nice; bênção a mameto Lúcia. Que Oxalá e Gongobira abençoem esta sessão.

Hoje, estamos aqui reunidos para celebrar a existência do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, esse importante espaço sagrado que, há 75 anos, obedecendo à ancestralidade, cuida dos seus filhos, filhas e de toda a comunidade do seu entorno.

Esse local de resistência e resgate das tradições de matriz africana começou pelas mãos de Altamira Maria Conceição Souza, a nossa saudosa Mãe Mirinha de Portão, a qual temos o privilégio de celebrar o seu centenário também nesta solene sessão. (Palmas)

Respeitando e reverenciando quem veio primeiro, abrindo caminhos para estarmos hoje aqui, começo o meu discurso falando sobre Mãe Mirinha de Portão, essa inspiradora mulher que deixou um legado para a sua comunidade e também para o país. Filha do Sr. Nestor e da Sr.^a Maria Lena, Altamira Maria nasceu na Fazenda Portão, no dia 21 de dezembro, na cidade de Lauro de Freitas. Aos 8 anos, mudou-se para a casa da madrinha, em Salvador, para ajudar nas atividades domésticas.

A sua história com o candomblé começou desde pequena, quando, de forma escondida, pulava as janelas para assistir a algumas festas. Mas foi a sua irmã Claudina que a levou a um terreiro, à casa do pai de santo João Alves Torres Filho, o famoso Joãozinho da Gomeia.

Aos 12 anos de idade, foi iniciada como filha do inquice de Gongobira com Bamburucema...” Desculpem a ignorância de quem, apesar de conviver há tanto tempo com tantas de vocês, ainda não consegue ler com facilidade essa linguagem aqui utilizada.

(Lê) “Aos 12 anos de idade, foi iniciada como filha do inquice de Gongobira com Bamburucema, na tradição bantu/Angola. Conhecidos como os inquices das matas, da flecha e da caça e dona dos ventos e das tempestades.

De volta ao seu local de origem, no dia 23 de abril de 1948, a mameto de inquice, a Mãe Mirinha, funda o Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, na Avenida Queira Deus, aos 23 anos de idade. Em 1952, ela tira o seu primeiro barco com dois muzenzas, pessoas iniciadas, consagrando o seu espaço sagrado e eternizando o nome da localidade em que nasceu para sempre ao seu sobrenome, passando a se chamar Mãe Mirinha de Portão.

Com filhos e filhas de santo espalhados pelo mundo afora, Mãe Mirinha é uma mulher que sempre se mostrou à frente do seu tempo e que se tornou um ícone de devoção, solidariedade e amor ao próximo. Como uma boa protetora, Mãe Mirinha cuidava do espiritual, mas também do social da sua comunidade.

E foi através do seu engajamento na política, em busca de benefícios para o seu povo, que D. Altamira conseguiu melhorias importantes para o bairro de Portão, como: transporte público regular, criação de postos de saúde, ações de segurança alimentar e a construção do Hospital Geral Menandro de Faria, na cidade de Lauro de Freitas.

O seu amor e admiração pela sua comunidade a fizeram participar das adaptações cinematográficas do seu grande amigo Jorge Amado, sendo elas: *Os Pastores da Noite* e *Tenda dos Milagres*, obras que deram visibilidade ao bairro de Portão; e a *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, que teve seu barracão fazendo parte de algumas cenas importantes.

Em 1989, a gente perde Mãe Mirinha, essa mulher forte que enfrentou as tempestades da vida e lutou por igualdade social e racial para o seu povo, deixando o seu nome marcado na história das religiões de matriz africana e na cidade de Lauro de Freitas, onde empresta o seu nome ao terminal turístico às margens do Rio Joanes, abençoado por Dandalunda.

O orgulho e o respeito que sua família biológica e religiosa tem por ela fazem com que Mãe Mirinha de Portão continue sendo lembrada e honrada por todos que fazem parte do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia. Se não lembrarmos do nosso passado, não teremos futuro, assim ensina a tradição afro-brasileira.

Atualmente, o terreiro é comandado por Maria Lúcia Santana Neves, a Mameto Kamurici, neta de Mãe Mirinha e uma das sete filhas da sua filha biológica Gildete dos Santos Neves. Iniciada para inquice Bamburucema, mameto Lúcia cuida e mantém o legado da sua querida avó com maestria e competência.

O terreiro foi tombado em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac, que reconheceu a importância do espaço que preserva as tradições de matriz africana e que, também, mantém ações sociais e culturais através do Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão, da Biblioteca Comunitária Mãe Mirinha de Portão, do espaço Kula Tecelagem, do Centro Digital de Cidadania, além dos cursos de percussão, fabricação de instrumentos, dança, corte e estética afro. Sendo essas algumas das atividades oferecidas àquela comunidade.

O bloco Afro Bankoma que leva ancestralidade, ritmo, dança, animação e beleza com suas roupas e adereços às ruas de Salvador, no período do Carnaval, também foi criado no terreiro com o intuito de dar voz à comunidade. Atualmente, com 3,5 mil associados, é o único bloco afro de fora de Salvador que desfila na maior festa de rua do mundo.

Num tempo em que, lamentavelmente, as ações de racismo e ódio religioso se proliferam no Brasil, celebrar 75 anos de uma casa de origem bantu/Angola é mais que uma reverência, é um ato de fortalecimento da resistência das religiões de matriz africana e um ato contra o racismo e o racismo religioso.

São 75 anos de resistência, espiritualidade, esperança, sabedoria, amor à tradição e respeito à ancestralidade. É um local em que as pessoas encontram apoio, conforto espiritual e cura.

Agradeço a Mãe Mirinha por ter dedicado a sua vida a cuidar do seu povo e a promover a cultura afro-brasileira, deixando uma marca inesquecível para a história da Bahia. Também agradeço a oportunidade de homenagear essa ilustre mulher e de reafirmar o nosso compromisso em preservar e celebrar a riqueza cultural afro-brasileira e as tradições do candomblé. Comemorar a existência do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia é uma forma de honrar as tradições que nos unem a continuar na luta por uma sociedade em que todas as religiões, culturas e pessoas sejam respeitadas e valorizadas.

Aproveito para dizer da minha alegria em ver esse espaço, que também é de vocês, assim, tão bonito e tão cheio de representatividade.”

Obrigada a vocês que me permitiram realizar esse ato, nesta Casa, que é a Casa do Povo, mas que cada vez tem de ter mais povo com todas as colorações. Ver esse branco inundar este Plenário, ver todos vocês aqui com essa alegria do encontro, verificar toda essa cultura que aqui vocês trazem neste dia e eu, branca, de cabelos loiros, que tinha lá atrás, espanhola de origem, é, de fato, uma oportunidade ímpar.

(A oradora se emociona.) (Palmas)

Eu só posso dizer a todos vocês, falando do fundo do meu coração, que eu agradeço imensamente por essa oportunidade. Não sou eu que estou fazendo a homenagem, são vocês que estão fazendo uma homenagem que é merecida a toda a trajetória do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, de Mãe Mirinha de Portão. (Palmas)

Muito *ngunzo* para todos e todas.

Aweto! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido a presidenta da Câmara Municipal de Lauro de Freitas, Naide Brito, para fazer parte da Mesa. (Palmas)

(Procede-se à saudação religiosa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Tendo em vista que a prefeita Moema vai ter de se retirar, pois já tem um compromisso – e a gente sabe que são muitos os compromissos de prefeita –, eu queria convidar para utilizar da palavra a nossa ex-deputada e atual prefeita, já no quarto mandato, Moema Gramacho. (Palmas)

A Sr.^a MOEMA GRAMACHO: Bom dia a todas, a todos e a “todes”!

Quero começar agradecendo a Deus por este momento de retornar a esta Casa, subir a esta tribuna que, por várias vezes, tivemos a oportunidade de varar as madrugadas, e agradecer, abaixo de Deus, a todos que estão aqui neste momento. Em especial, começo agradecendo a essa mulher guerreira, essa deputada estadual Maria del Carmen, ela que falou aqui e disse que é espanhola. Ela é espanhola de origem biológica, mas ela é baiana de consciência e de coração. (Palmas) E por opção, não é, Maria? Optou pela Bahia. Para nós, é uma honra tê-la, Maria, entre nós, baianos e baianas.

Quero agradecer também a Maria por ter trazido para esta Casa essa ocupação que eu estou vendo aqui, uma ocupação importante, com várias representações dos diversos terreiros de candomblé, não só de Lauro de Freitas, que são muitos, mas também de vários outros locais. E aproveito para, cumprimentando Mameto Kamurici, mãe Lúcia, cumprimentar todos os representantes de todos os terreiros aqui presentes. Muito obrigada pela presença! (Palmas) Foi apenas para ganhar tempo, não que todos não mereçam ser citados.

Bom, eu queria também cumprimentar a nossa secretária, Ângela Guimarães, que representa, neste momento aqui, o Governo do Estado da Bahia, o nosso governador Jerônimo. Obrigada, Ângela, pela sua presença e do governador. (Palmas)

Quero também cumprimentar o nosso desembargador de Justiça, Ivanilton. Cadê ele? Está lá! Ivanilton Santos da Silva. E assim a Justiça se fazendo presente, isso é muito importante.

Quero cumprimentar a minha amiga de coração também, de lutas e muitas lutas, representando aqui o Ipac e, portanto, representando o secretário Bruno, a nossa companheira, Lu Mandelli, Luciana Mandelli. (Palmas)

Cumprimento Ailton, que representa aqui a nossa secretária Fabya Reis, muito importante, da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, da qual fui secretária, com muita honra. (Palmas)

Cumprimento a presidenta da Câmara de Lauro de Freitas, a vereadora Naide Brito, e assim cumprimento a todos os representantes parlamentares municipais presentes. (Palmas)

Sr.^a Ebomi Nice, do Terreiro Casa Branca, e, assim, cumprimento as demais mães de santo, apenas para ganhar tempo. Táta Ricardo, eu o cumprimento, cumprimentando todos os demais tátas. Padre Lázaro, da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Ao final da minha fala, padre, vou fazer uma referência. (Palmas)

E nosso deputado Marcelino Galo aqui presente também. É importante que nós tenhamos a presença dos parlamentares desta Casa aqui representados.

Eu queria ser bastante rápida porque eu sei que o horário já está avançado. Já quero começar pedindo desculpas porque nós também temos um evento acontecendo, na Arena de Esportes da Bahia, em Lauro de Freitas, antigo Centro Pan-Americano de Judô, que trata da questão dos esportes. Está sendo feito o lançamento do Bolsa Esporte hoje e, na condição de prefeita, eu tenho de estar lá para fazer esse lançamento.

Mas eu não podia deixar de estar aqui. E vim primeiro aqui porque considero que esta sessão tem uma simbologia sem igual. É de uma simbologia porque nós estamos no 3º milênio e nós ainda convivemos com a violência, com o racismo, com a intolerância religiosa e com um preconceito imenso, apesar de já termos várias leis que dizem e que determinam o contrário, como a Lei Federal nº 7.716/1989, que trata justamente de criminalizar o racismo.

Nós temos uma resolução, que é a Resolução nº 715/2023, que diz que os terreiros e aqueles que militam nos terreiros complementam a saúde dentro do Sistema Único de Saúde, com a sua crença, com a sua fé, com a sua capacidade de cura e, portanto, precisa ser divulgada. Essas coisas precisam ser divulgadas. Pouca gente sabe da lei e pouca gente sabe dessa resolução.

Mas, mais do que saber das leis, é que nós possamos lutar para que Estados – e, quando falo de Estado, não estou falando de governo, estou falando da instituição Estado, seja ela municipal, estadual ou federal – não só façam com que as leis sejam cumpridas, mas que garantam que as condições sejam modificadas para que não precisemos chegar a punir aqueles que praticam racismo, que ele efetivamente seja abolido e que não exista mais o racismo, principalmente em uma Bahia que é negra, uma Bahia, majoritariamente negra. Portanto, não há como se conceber racismo ou preconceito, seja de que forma for, tampouco, religioso, em nosso estado. E quando se fala em estado, se fala, também, de todos os municípios nele contidos, como Lauro de Freitas.

Gostaria de, também, dizer o quanto, para nós, é importante ter a presença das duas secretarias de Estado que trabalham nessas questões, a fim de que nós possamos fazer e ampliar, também, para a Secretaria da Educação.

Nós precisamos fazer com que as nossas crianças, desde a creche até as nossas crianças maiores das universidades, possam trabalhar para nunca mais permitirmos intolerância, seja de que ordem for. Isso começa na base da educação, tanto no seio da família quanto no seio escolar. Em função disso, esta é uma sessão que cumpre um papel, extremamente, importante e fundamental nesse sentido.

Quero, portanto, dizer que comemorar os 75 anos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia é um marco.

Quero, neste momento, Mãe Lúcia, pedir licença para fazermos uma homenagem a um companheiro que conheci e que deixa saudades. Há 12 anos, ele foi para uma missão outra, uma missão maior, pois nos deixou ao atender a um chamado de Deus, que é o nosso companheiro Tata Cassutemi, conhecido por todos como Raimundo. (A oradora se emociona.) (Palmas) Tive a felicidade de conhecer Raimundo. Hoje, sei que ele estaria aqui, nesta sessão especial, caso estivesse presente entre nós. Mas sei que ele não está ausente. E isso é o que importa.

Portanto, parabênzo a comemoração dos 75 anos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia.

Diria mais, para além da função de terreiro, que já seria por demais importante para se render homenagens, São Jorge da Gomeia tem uma série de outras funções. Nós estamos vendo os panos tão bonitos. Lá, tem uma tecelagem. Lá, se faz trabalho social. Lá, se faz uma geração de renda. E isso é tão importante.

Então, para além do trabalho inerente à função do candomblé, se busca, também, fazer um trabalho social que extrapola para o cultural. Digo isso porque quem não conhece o maior bloco afro que desfila em Salvador, e que não é de Salvador, é de Lauro de Freitas, o Bankoma? (Palmas) Esse bloco desfila, também, em Lauro de Freitas. Eu não perco a abertura, na quinta-feira, no Campo Grande.

Portanto é a junção das atividades que mexe com a consciência, que mexe com o emocional, que mexe com a fé, mas, ao mesmo tempo, faz um trabalho amplo e voltado para o acolhimento. E isso é tão importante.

Isso já extrapolou além de Lauro de Freitas, capital da Bahia, para o mundo, porque já foram fazer visitas em outros países, inclusive, Portugal. Disso, eu tenho conhecimento. Mas eu sei, também, que já foram a outros países.

Somada à homenagem ao Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, a gente está, também, através da deputada Maria del Carmen, homenageando os 100 anos de nascimento de Mãe Mirinha de Portão.

Eu aproveito para dizer que já estava na tratativa com Luciana Mandelli. Ontem, eu estava em Brasília. Já marquei uma agenda com a nossa ministra baiana e negra Magareth Menezes para dizer a ela que nós queremos fazer um museu onde hoje é o Terminal Mãe Mirinha de Portão. (Palmas) Vamos precisar do apoio do estado e do governo federal, porque a prefeitura sozinha não tem condição de fazer.

O museu já está na história. Mas nós não podemos trabalhar só com essa nossa geração. Temos de deixar o legado para as futuras gerações. Temos de fazer um museu duplo, ou seja, um museu físico e um museu digital, porque a onda, agora, é o digital. Então nós vamos ter de fazer as duas coisas.

Para não me demorar muito, eu gostaria de parabenizar os dois momentos: os 75 anos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia e os 100 anos de Mãe Mirinha.

Eu queria, também, dizer que Lauro de Freitas tem uma honra imensa de poder sediar essas duas instituições. Não sei se o local foi escolhido ou se foi ao acaso. Mas, por uma coisa ou outra, eu agradeço, a Deus e ao povo, por ter me dado a oportunidade de conviver, neste mesmo espaço, e já administrando, junto com o povo, pelo quarto mandato. Isso só vem me dar, cada vez mais, força para continuar nesta luta.

Ao finalizar, falo no padre Lázaro. Eu queria não só agradecer ao padre Lázaro, mas, ao mesmo tempo, gostaria de dizer ao senhor o seguinte. Muitas pessoas me perguntam de onde vem a minha força, porque é uma mulher deste tamanho, pequena. Há o preconceito. Mas o povo diz assim: “Essa pequena, aí, se fia em quê?” Bem, o termo “se fia em quê” já um preconceito, não é? Em que ela se fia? Uma mulher deste tamanho, pequena. E, aí, se fia em quê?

Eu me fio... Aí, eu poderia dizer, para o senhor, que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, fica em frente à segunda casa em que eu morei. Digo isso porque a primeira, onde eu nasci, é número 8. E o número 14 fica em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Me desculpem a emoção. (A oradora se emociona.) Mas eu me fio na resistência herdada pela origem daqueles que foram sequestrados e escravizados em África e, ali, naquele Pelourinho, eram açoitados para não poderem ter a sua identidade. E, ao serem açoitados, resistiam. Com certeza, as suas lágrimas caíram naquela Praça do Pelourinho. E eu tenho certeza de que herdei deles a força e a coragem.

Portanto, obrigado ao senhor por dar sequência a isso, também, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Viva o Candomblé! (Palmas)

Viva as nossas afro-religiões! (Palmas)

Parabéns!

Obrigada, Maria, por nos permitir este momento nesta Casa Legislativa!

Um grande abraço a todos.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à ialorixá Márcia de Ogum, do Terreiro Ilê Axé Olodumaré ou Terreiro Ilê Asé Ojise Olodumare. (Palmas)

A Sr.^a MÁRCIA DE OGUM: Bom dia a todos, a todas e a todes.

Mojubá a todas as pessoas. Eu acho que eu não preciso explicar que quando eu digo mojubá, estou apresentando os meus respeitos a todas as pessoas, porque todas as pessoas são merecedoras de respeito.

Na pessoa da proponente desta sessão, a deputada Maria del Carmen, saúdo os demais membros da Mesa para não correr o risco de esquecer alguém.

Eu gostaria de pedir agô, que é licença, e dar mojubá, que significa dar os meus respeitos à minha ancestralidade. Hoje, eu não vou citar, para citar a ancestralidade, os bakulos do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, em nome de Mãe Mirinha de Portão e em nome de seu Joãozinho da Gomeia.

Peço a agô e dou mojubá aos meus orixás e, hoje, de forma especial, aos meus inquices, porque a gente está tratando de uma nação em que há controvérsias. Mas a gente sabe que eles chegaram antes. Esses são um povo que nos representa muito, porque, até a língua utilizada para a comunicação, é a mesma que nós utilizamos, porque fomos colonizados pelos portugueses.

Gostaria de dizer que eu fui pega de surpresa. Eu não sabia que faria o uso da fala. Eu sabia que eu vinha celebrar, junto com a minha irmã queridíssima, Mãe Lúcia, Mameto Kamurici, a quem eu peço a sua bênção, ou seja, mucuiú.

Mas gostaria de dizer que é uma emoção muito grande, porque 75 anos não são 75 dias, nem 75 semanas, tampouco 75 meses. É uma vida, é uma história. Bem, comemorar os 100 anos de Mãe Mirinha é muito bom. Essa ancestral foi exemplo para nós, hoje, na condição de bakulo e de ancestral, e continua nos inspirando para nós continuarmos resistindo, a fim de que estejamos, sempre, fortalecidos na resistência. O nosso povo resiste e resistirá sempre.

Eu não vou me alongar. Esta Mesa é muito comprida. Eu não vou desejar “*ojó ibí aió fuó*” à minha nação. Para todos os lados, respiramos bantu, Congo e Angola. Eu vou pedir agô, mais uma vez. Vou pedir bandagira para entoar um hino, uma cantiga que é para o patrono da nação Angola. Mas eu acho que pode ser, também, utilizada como hino de vocês por ele ser o patrono. Eu vou iniciar, vou tomar esta ousadia, mas vou pedir a meu pai-tata para continuar.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

“*Mucuiú, aweto!*”

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido Kota Malenduka para registrar as presenças das pessoas.

A Sr.^a Kota Malenduka: Bom dia!

Bandagira significa bênção. Bandagira, mãe. A bênção a todas as lideranças religiosas, a bênção aos meus irmãos, aos meus mais velhos, aos meus iguais.

Faço, brevemente, o registro das presenças nesta sessão. Logo de início, tivemos o Núcleo de Capoeira Mãe Mirinha de Portão, com o mestre Régis (palmas), do Grupo Cultural Filhos de Oxossi Guerreiro; o Sr. Uberdan Cardoso dos Santos, vereador do município de Santo Antônio de Jesus; a Sr.^a Maria Anatália Ferreira das Mercês, secretária do Sindicato dos Comerciantes e presidente da Associação de Moradores do Bairro da Salgadeira e Urbis II, ambos de Santo Antônio de Jesus; a Sr.^a Rosy Mary, ekedi da Casa de Oxumaré; o Sr. Paulo José do Sacramento, coordenador do Movimento de Mobilidade Urbana da Sociedade Civil de Lauro de Freitas; o Sr. William de Oxalá, presidente do Programa Voz do Candomblé; a Sr.^a

Claudênia Araújo, assessora e representante do secretário André Luis Silva Pereira, da Secretaria de Cultura e Turismo de Lauro de Freitas; a Sr.^a Cristina Noronha, coordenadora do Centro Social Urbano de Lauro de Freitas, representando, também, a coordenadora executiva Rita Menezes, da Seinfra, de Lauro de Freitas; a Sr.^a Nelci Freitas, da Associação das Artesãs de Lauro de Freitas; o Sr. Evilásio Bouças, presidente do Conselho Municipal das Comunidades Negras, de Salvador, e diretor de Assistência Social da Abentumba e Tata Nkodia Mambo, do Terreiro Tumba Junsara; a Sr.^a Nathale de Sousa Silva, neste ato, representando a Sr.^a Maria Lúcia Nogueira Lima, presidente do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Lauro de Freitas; o Sr. Elias Conceição, ogã, coordenador do Comitê Inter-religioso da Bahia; a Sr.^a Carla Nogueira, coordenadora de Educação de Jovens e Adultos (Suped), da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; o Sr. Marcos Napoleão, servidor da Ubfa; o Sr. Luis Antônio dos Santos, sacerdote do Terreiro Monso Banzogola; o Sr. Antônio José de Jesus, presidente da Nação de Consciência Ancestral (NCA); a Sr.^a Silvana Cerqueira, ekedi do Terreiro Casa do Guerreiro; e a Sr.^a Ivone Pereira Santos, secretária executiva do Conselho Municipal para a Promoção da Igualdade Racial de Lauro de Freitas. (Palmas)

Volto, depois, para registrar outras presenças.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigado, kota.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à ialorixá Jaciara Ribeiro, do Terreiro Abassá de Ogum. (Palmas)

A Sr.^a JACIARA RIBEIRO: Primeiro, gostaria de dizer da minha emoção.

Quero iniciar saudando a Mesa na pessoa da deputada Maria del Carmen pela sensibilidade. Saúdo, com todo o amor e a ancestralidade, Mãe Mirinha de Portão, porque a gente sabe o que a ancestralidade faz nas nossas vidas. Assim, abraço Mameto Kamurici, pela oportunidade de estar aqui e fazer parte da sua vida e, por consequência, agradeço, também, todo o carinho em mimo.

Eu sei que eu só tenho 3 minutos. Eu pensei no que iria cantar ou falar. Mas, aí, eu me sinto muito acolhida pela Mãe Márcia de Ogum, a ialorixá que canta, não é? Assim, a gente não pode esquecer a história, pois ela tem de ser contada por quem vive a história.

Então, eu queria trazer só, rapidinho, um relato, pois fará, em janeiro, 24 anos, que a Mãe Gilda, minha mãe foi para Orun. Bem, foi Tata Raimundo quem me levou até o terreiro de Mãe Lúcia, porque, naquele momento, eu estava precisando de muito apoio, tanto acolhimento. Vejam, foi um momento em que um ialorixá morre, e a casa fica um pouco perdida. E foi, lá, no terreiro da senhora que eu pude trabalhar. Eu fui professora de estética afro, turbante, maquiagem e imagem. Então, é disso que eu estou falando. A gente não pode esquecer o acolhimento.

A senhora é uma mulher que transforma vidas, não é? A gente fala de ancestralidade de Mãe Mirinha de Portão. A gente fala da comemoração dos 75 anos do terreiro. Eu estava, ali, fazendo as contas. São 75 anos. Isso dá 12, não é? Lagira Xeborá é Xangô. Então, é em nome de Zazi, a forma que a sua tradição fala. Mas eu trago Xangô para trazer a vida. Eu sei que os 75 anos do Terreiro São Jorge Filho da

Gomeia e mais 100 anos de nascimento de Mãe Mirinha são acúmulos no Ori, no pensamento, no ocã.

Aí, eu estava falando para Mameto Kamurici que são momentos difíceis que a gente tem passado. A gente passou um momento, agora, no Quilombo Caipora. A gente não pode esquecer. A gente não pode usar dores e sangue para ser holofote das nossas lutas. (Palmas)

Então, eu estou muito feliz em poder estar aqui (palmas), hoje, celebrando os 75 anos deste terreiro e a vida atual de Mameto Kamurici. Eu ando um pouco cansada, Mameto, de pôr flores em monumentos. Eu acho que a senhora sabe do meu amor e do meu respeito pela senhora.

Então, eu queria, hoje, também, celebrar cada filho, cada muzenza da sua casa. Eu não sei falar a tradição. Mas as iriás, os ogãs, os tatas transbordam amor na caminhada. Tem bojemba. O bloco afro Bankoma é o único bloco do estado da Bahia que consegue levar o nosso povo para avenida sem cobrar. (Palmas) Mameto separa roupas e manda para as nossas casas.

Então, assim, eu acho que esta é a minha fala que não é para demarcar território, porque eu acho que território já está sendo demarcado hoje, embora eu estava falando com Tata Ricardo. Ele me mostrou como esta Casa ainda não está nos acolhendo. Mesmo, hoje, sendo sexta-feira, eu olhei para aquela pomba, mas aquela não é a pomba de Oxalá.

Mas, assim, eu queria dizer que é importante iniciativa como esta. A gente chora. Pede desculpas. Mas eu acho importante a gente, também, rever o que é nosso.

Então, eu queria, também, saudar todas as pessoas que estão na força do meu orixá que é Oxum Yeye Ipondá, que ela possa regar a vida vocês com muito mel com muita doçura.

Gostaria de dizer à Mãe Lúcia que, hoje, eu vim de camisu. Eu disse a ela, ali, que eu não vim de bata, porque é importante a gente, também, recuar um pouco. Então, eu vim me curvando para a ancestralidade de Mãe Mirinha e da senhora, em nome, também, de Bamburucema, que é um ser inquite e, também, em nome de uma entidade que eu respeito muito que é Martim Pescador, que vem como esse alicerce, dando caminhos e fortalecendo as nossas vidas. (Palmas)

Eu não vou quebrar protocolo. Mas queria trazer algo que é muito importante, em nome de todo o povo que foi arrancado da África, que teve de ocultar o seu nome, esquecer um pouco a sua história.

Mas a gente está aqui, mesmo depois de 500 anos, vendo tantas pessoas em espaço de poder. Eu me sinto muito honrada em poder olhar para cada um e saber que a gente pode se abraçar, e o coração bater junto.

Que Oiá seja a divindade e traga ventos para a gente poder ficar invisível com a Eruexim dela para morte e poder seguir com vida.

Então, eu queria dar de presente à senhora, me curvando, Mameto Kamurici, à sua força, ao seu Ori de Bamburucema, na força do meu ofó neste

momento, pedindo às grandes mães ancestrais que elas nos deem asas para a gente seguir.

(A oradora se pronuncia em língua africana.) (Palmas)

Que Oyá seja a força de Bamburucema!

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Que Oyá traga ventos de equilíbrio, amor e proteção para todas as pessoas presentes neste momento e emane para a família de cada um.

Meu respeito, Mameto Kamurici!

Quanto ao meu amor, a senhora sabe que o tem. Se eu falhar com a senhora, Oxum Dandalunda, com certeza, lavará todo esse caminho do ofó e do equilíbrio para a gente seguir.

Te amo! (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à ebomi Nice, do Terreiro da Casa Branca. (Palmas)

A Sr.^a NICE EVANGELISTA ESPÍNDOLA: Eu quero, primeiro, pedir agô a toda ancestralidade. Em primeiro lugar, quero pedir licença a... (A oradora se pronuncia em língua africana.) Quero pedir a bênção a toda ancestralidade Angola. Quero pedir a bênção a esta Mesa na pessoa de minha filha, irmã e amiga Kamurici. (Palmas) Esta personalidade nos dá prazer em estarmos juntas ao trazer não só alegria no Carnaval, como alegria a todo dia e a todo instante. Quero dizer, aos meus mais velhos, a bênção e a troca de bênções aos mais novos.

Hoje é um dia muito importante.. Eu me sinto lisonjeada em estar aqui. Feliz estou, porque estou junto dos meus, não só de nação, mas como respeito ao ser humano.

Ao falar em Mirinha do Portão, digo Mirinha do Portão, porque, na vida dela, nós éramos amigas de fazer as grandes lavagens, trocas de conversas e de respeito de uma para outra. Mãe Mirinha, para mim, está viva. Por que está viva? Porque tem a neta dela que é uma grande ialorixá que sabe nos respeitar, sabe dar amor, compreender e elevar este nome Gomeia.

A Gomeia não é só para cantar no Carnaval. A Gomeia é para acolher e nos dar amor. No tempo de Seu Joãozinho, a preocupação era quem ia ficar tomando conta da Gomeia. Veio Mãe Mirinha. De Mãe Mirinha, passou para sua grande neta, uma mulher responsável, equilibrada, uma pessoa que sabe dizer o “sim” nas horas certas e, também, sabe dizer o “não” quando está errado.

Então, eu não tenho muito o que falar. Só tenho de agradecer a esta ancestral que está, espiritualmente, olhando para todos com os corações, o pensamento, o respeito. Era o coração bondoso que ela tinha e que ela trabalhava, espiritualmente, para ajudar. Também, o amigo dela, Dr. Nelson, recebia os clientes dela, quando ela mandava. Ela era uma pessoa extraordinária.

E quando a pessoa dizia que conhecia ela, tinha de saber dizer que conhecia, porque ela tinha os sinais de quando ela gostava e de quando ela não gostava. Ela botava o dedo na ponta dos óculos e levantava. Ali, estava dando um sinal. Quem conhecia, conhecia. Quem não conhecia, ia ficar. Quando acabavam as lavagens, porque era ela quem tomava conta, era ela quem dominava o pedaço com a grande maestria dela, entendeu?, com respeito, com amor e consideração.

Eu não sou do Angola. Mas, nessa hora, eu era angoleira, também. Eu sou “Aketo”. É tudo a mesma coisa. Só se diferenciam em algumas palavras. Mas tudo é no mesmo respeito.

Então, era ela, a falecida Nidinha, da minha casa, do meu candomblé, da Casa Branca, que se arrumavam para fazer as festas. Então, Mãe Mirinha, por onde o espírito dela estiver, está abençoando, protegendo e dando, à neta dela, que ela muito amava, este lugar próspero de vida, alegria e amor.

Então, quanto a isso, eu só tenho a agradecer à grande amiga, indo botar, hoje, aqui, sentada, olhando, observando, entendendo e estudando aquilo que Mirinha dava pra a gente, ou seja, as mais novas que a acompanhavam.

Eu só peço a Olodumare, orixá gbogbo, que dê (palmas) a nossa grande mameto, força, coragem, sabedoria e uma vida longa. A bênção aos meus mais velhos (palmas) e troca de bênção com meus mais novos. Viva a Gomeia! Viva a Gomeia! Viva a Gomeia! (palmas) Viva a Oxóssi! Viva a nossa mãe Oyá! (palmas) Eparrêi, eparrêi, eparrêi! A bênção aos meus mais velhos e a troca de bênção aos meus mais novos. Minha mãe lhe abençoe. A bênção a todos. Luzes, forças, coragem, resignação, paciência e prudência. Amor, amor e amor, porque o amor vence tudo nessa vida. (Palmas)

Muito obrigado, mãe Mirinha do Portão, a grande maestra, a grande desempenhadora da Nação do Angola, a mulher que sabia e que tinha esse carinho e a educação para se dirigir a qualquer um. Ela tinha o *clean* da Nação do Angola.

Olorun Kosi Pure a Mãe Menininha. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen) Concedo a palavra ao Tata Ricardo, do Terreiro de Lembá. (Palmas)

O Sr. TATA RICARDO: Bom dia a todas as pessoas.

(O orador se pronuncia em língua africana.)

Saúdo aos báculos, aos nossos ancestrais, em nome de mãe Mirinha de Portão, e, ao mesmo tempo, saúdo – quebrando o protocolo, não tenho como me dirigir à Mesa sem pedir a bênção – às mametos, as ialorixás, ao povo de candomblé (palmas), a minha madrinha, ebomi Nice e a mameto Kamurici, que hoje representa a liderança sacerdotal do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia. Sua bênção, meu mukuiu, (palmas). Quero saudar a deputada Maria del Carmen e dizer que é muito assertivo a senhora ser proponente deste ato, desta sessão alusiva aos 75 anos do Terreiro São Jorge Filhos da Gomeia. De fato, 100 anos de mãe Mirinha de Portão

e 75 anos do Terreiro São Jorge da Gomeia é um momento histórico, são datas emblemáticas que representam a resistência, e aí a gente vai tratar de uma mulher que há 100 anos já tinha esse olhar de líder, de força, de empreendedora, de sacerdotisa, que edifica, naquela comunidade na Região Metropolitana de Salvador, um espaço sagrado, que dá origem à expansão do bairro de Portão, porque o Terreiro São Jorge da Gomeia é esse espaço.

Eu não posso me dirigir ao bairro de Portão sem pedir licença também a minha origem do candomblé, ao Terreiro Sindiratukuá, a minha casa matriz, a casa da minha avó Domingas do Portão, mãe Kaloiá. (Palmas) E aí saudando a senhora deputada, de forma muito carinhosa, porque não seria diferente uma trajetória de luta que a senhora ocupa nesta Casa, trazer os terreiros de candomblé e as pautas sociais de extrema importância para serem não só debatidas e discutidas, mas também homenageadas.

Quero saudar – eu vou começar de lá para cumprir a ordem, senão a gente aqui pega num misto de sentimento e a gente termina cometendo a falha de esquecer alguém – Dr. Ivanilton, que se mantém forte, jovem, bonito, ativo, Xangô Zaze dando força; e a Márcia, minha madrinha ebomi Nice; a vereadora e presidenta da Câmara de Vereadores da cidade de Lauro de Freitas, Nide Brito, perdão, Naide Brito – corrija a tempo; o amigo Dr. Ailton Ferreira ogã, da casa de Oxumaré, ogã Oxoguian; Dr.^a Luciana Mandelli, diretora-geral do Ipac; secretária Ângela Guimarães, essa mulher maravilhosa que ocupa hoje a Sepromi; deputada Maria del Carmen, a quem já me dirigi; mameto Kamurici também, mas mais uma vez vou fazer, e todas às vezes quero poder encontrar mais com a senhora, e muito e muito mais para a gente celebrar anos e anos e parabenizar pela sua atuação; mãe Jaciara de Oxum, amiga, comadre; ebomi Vanda Machado, extensivo também a toda casa do Ilê Axé Opô Afonjá; e padre Lázaro, que é esse homem, de fato, um homem de Deus. Um homem que representa a Igreja Católica, mas que, constantemente, representa a paz na terra, porque a paz não tem sigla, não é patente, não é propriedade de nenhuma religião: e quem quer paz promove a paz; quem não quer se levanta e sai (palmas), principalmente quem desfrutou de paz, porque a gente é assim, os terreiros de candomblé, deputada, são espaços de entretenimento de diversos segmentos e atuação política, mas que as pessoas só lembram da gente quando estão precisando, porque é num terreiro de candomblé que se encontra o SUS, a regulação, o banco de alimento, a secretaria de assistência social, tudo o que diz respeito ao bom viver dentro de um terreiro de candomblé é um espaço de resistência.

Quero saudar os babalorixás e ialorixás, cotas, macotas, tatas, mametos, que estão aqui na plateia, e todas as pessoas que também estão aqui, fazem parte, porque isso é uma rede: candomblé é uma rede e que quando falta alguém faz falta, porque cada um representa aí uma história, um legado, um caminho que antecede, que permanece, que sucederá.

E aí, nessa perspectiva, para não me alongar, quero dizer que 75 anos de um terreiro de candomblé é algo muito forte. Quantos terreiros se tombaram ao longo do racismo, da especulação imobiliária, da partilha de bens, mas o Terreiro São Jorge, Filho da Gomeia, que é uma casa tradicional da linhagem do candomblé de Angola, de uma família chamada Gomeia, que descende do senhor Joãozinho da

Gomeia, Tatalondirá, que, hoje, na Bahia – não só na Bahia, mas no Brasil – o Terreiro São Jorge da Gomeia é uma importante comunidade que tem prezado e preservado os ritos do candomblé de Angola, da família Gomeia.

Eu pertenço à família Mochicongo, à família Tombenci, mas somos todos irmãos amigos, (o orador se pronuncia em língua africana), somos todos esse quilombo.

E aí nesse lugar de fala eu quero invocar nesse momento (o orador se pronuncia em língua africana), que é o nosso soba, o nosso rei, pedindo e desejando que a senhora, de fato, tenha vida longa com sucesso, (o orador se pronuncia em língua africana), que não lhe falte saúde física, psíquica e espiritual para a senhora poder cuidar dos seus filhos e filhas e amigos que, (o orador se pronuncia em língua africana), lhe dê toda essa vitalidade que a senhora já tem desde que nasceu. (Palmas)

Vida longa ao Terreiro São Jorge da Gomeia; vida longa esse legado; e eu não posso deixar de registrar que o Bankoma é uma explosão.

(O orador começa a cantar.)

(Participantes da sessão respondem à música.)

Por que o Bankoma? Porque o Bankoma é a maior manifestação da força política de um terreiro de candomblé, que invade o espaço racista do carnaval da Bahia, que vende, que loteia os espaços físicos e que o povo negro e periférico e de candomblé não tem vez e nem voz, mas o Bankoma quebra isso.

E, mais do que um bloco de carnaval, o Bankoma são os terreiros de candomblé ocupando o espaço, porque todos os blocos, de forma velada – eles não dizem – mas todo mundo vai para o terreiro dar comida a Exu, dar comida a nzila, pedir boa sorte, tomar banho de folha, mas só o Bankoma é o terreiro na avenida.

Vida longa ao Bankoma e ao Terreiro São Jorge da Gomeia.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra ao padre Lázaro Muniz, pároco da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

O Sr. PADRE LÁZARO MUNIZ: Com certeza, é uma honra poder estar aqui nesta tribuna e poder estar nesta Casa em que a gente tem conseguido voltar várias vezes para, justamente, fazer esse registro tão especial do respeito às tradições, do respeito ao candomblé, do respeito a todas as religiões, da luta pela paz. E isso é maravilhoso. Por isso nossa saudação e nosso agradecimento a nossa deputada Maria del Carmen, baianíssima, soteropolitana, mesmo vindo da Espanha, mas está aqui como irmã nossa e nossa alegria, nossa gratidão, porque vive a fé e nisso nos faz sermos felizes.

Bankoma quer dizer ‘reunião’, ‘encontro de pessoas’. Então, se nós estamos nesse encontro de pessoas neste lugar maravilhoso, queremos saudar todas as pessoas que estão aqui neste momento. E saúdo, com certeza, na figura da nossa queridíssima mãe, amiga, mameto Lúcia, mameto Kamurici, mãe Lúcia de Bamburucema, de Kaiangua, de Matamba, então são tantos nomes, que a gente tem que saudar todos,

(risos) (palmas) tem que saudar todas, porque eu tenho meus professores para me ensinar as coisas, (risos) é claro, né?

Então eu quero saudar a todos e todas deste momento e nessa Mesa, com certeza pedir a bênção dos mais velhos e agradecer. Eu vou pular realmente todas as saudações, mas quero agradecer nessa Mesa tão querida, mas não posso deixar de falar de uma entidade que este ano também, nessa semana, quarta-feira, fez 56 anos, que é o nosso IPAC. Então, quero saudar Luciana que nós celebramos...

Quando eu estava chegando aqui – aliás, muitas vezes quando eu chego nesses espaços, eu fico muito lisonjeado por uma palavra que a gente escuta muitas vezes: “Que bom que você está aqui”. Isso nos faz lembrar “Que bom você chegou...!” Mas eu não preciso ser “bem-vindo a Salvador”: já estou em Salvador, que é o “coração do Brasil”, que é o coração de cada um de nós, e o “bom que você chegou”, quando as pessoas se dirigem a mim, e dizem e se reportam dizendo a sua presença manifesta esse carinho e esse cuidado. Justamente, eu faço questão de estar presente e, quando mãe Lúcia me disse “eu quero a sua presença” e eu já viria – mesmo que ela não dissesse “eu quero a sua presença” – porque já estava agendado, e nem queria vir para a Mesa, eu queria vir para estar com vocês, justamente por essa consciência de fé.

O Papa Francisco tem nos lembrado que a paz é uma construção artesanal e, se ela é construção artesanal, precisa de muitas mãos, precisa de muitas pessoas, precisa de muito trabalho, assim como deve ser complexo construir a tecelagem, fazer com que os fios se trancem de modo que gerem depois coisas tão belas como nós estamos vendo, com certeza, construir a paz também é esse processo que depende de cada um de nós e que não pode ser negligenciado por ninguém, não pode ser perdido, nem abandonado por ninguém.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Precisamos, com certeza, valorizar cada vez mais, precisamos respeitar cada vez mais, respeitar cada uma das religiões, respeitar cada pessoa, respeitar cada terreiro. E, com certeza, os 75 anos do Terreiro São Jorge Filhos da Gomeia merecem que a gente possa celebrar os 75 anos, como celebramos centenário de mãe Mirinha, a quem não tive a oportunidade de conhecer. Mãe Mirinha – sobre quem ouvi falar tanto – tampouco pude conhecer Seu João da Gomeia, mas ouvia falar tanto e a gente quando falava do Terreiro São Jorge da Gomeia sempre era revestido de uma aura, de um poder... falar do Terreiro de São Jorge da Gomeia era a sumidade da fé e da religião: de lá, o axé era mais forte. A gente tinha essa compreensão, porque todo mundo se referia como um lugar que gera o algo muito mais forte para engrandecer os outros. E isso também é bonito, isso é valioso.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Já vou terminando.

E a gente vai descobrindo que cada terreiro tem o seu caminho, tem o seu modo, tem a sua realidade, tem o seu trabalho e isso é que é importante. Então, nossa gratidão.

Quero pedir, fazer um pedido aos terreiros que estão aqui presentes, para uma oração em favor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, porque, nesse

domingo, vai ser a eleição da nova mesa administrativa, a situação está bastante complexa com muitas lutas. Então rezem para acalmar os ânimos, por favor. Façam tudo o que seja necessário, que vocês sabem o que é que tem que fazer, não sou eu que vou dizer (palmas) (risos). Então a gente agradece intensamente.

Então, salve o nosso IPAC, salve o São Jorge Filhos da Gomeia, salve o Congo de onde nasce o povo congolês, salve a África, salve os frutos das raízes do Sr. Joãozinho da Gomeia, salve mameto Kamurici. Muita paz. Deus abençoe! (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à presidenta da Câmara de Vereadores de Lauro de Freitas vereadora Naide de Brito.

A Sr.^a NAIDE BRITO: Um bom dia a todos e a todas.

Eu quero saudar a Mesa na pessoa de duas mulheres, pedindo desculpas às demais e aos demais que estão ali na Mesa. Eu quero saudar a Mesa, na pessoa da nossa deputada Maria del Carmen, que tão bem traz aqui a esta Casa essa homenagem pelos 100 anos de mãe Mirinha e pelos 75 anos de Terreiro de São Jorge da Gomeia que é de uma fortaleza muito grande. Nós sabemos o quanto é forte e representativo o Terreiro São Jorge da Gomeia, localizado em nosso município.

E quero saudar aqui, também, em nome da minha queridíssima – chamo, sempre chamei de mãe e continuarei chamando – mãe Lúcia, porque a senhora sabe o que representa para nós e o que representa para aquela comunidade, não só de Portão, o que representa para Lauro de Freitas, para a Bahia e a representação para o mundo. Porque com a sua força, a sua determinação, a sua coragem e – por que não dizer? – a ousadia de trabalhar incansavelmente para a continuidade do Terreiro São Jorge da Gomeia, porque, como foi dito aqui, já teve Raimundo e a senhora sucedeu Raimundo, com toda maestria possível, só fortalecendo cada vez mais o Terreiro São Jorge da Gomeia, que tanto representa para o nosso município de Lauro de Freitas.

E, aqui na plateia, eu quero saudar duas pessoas, em nome de todas as pessoas aqui. Eu quero, em nome de Raquel, cumprimentar aqui as mulheres que estão nesta plenária, em nome de Apio Vinagre (palmas), cumprimentar os homens aqui neste Plenário. E quero dizer que estar aqui em comemoração aos 100 anos de mãe Mirinha, que a cada momento a gente conhece a história,...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) conhece o seu legado, o que ela deixou de legado para as religiões de matrizes africanas é muito grande, com a sua força, com seu trabalho social, com seu trabalho cultural e com seu trabalho espiritual, que deu essa fortaleza ao Terreiro São Jorge da Gomeia.

Então eu não poderia deixar de estar aqui para homenagear esta mulher forte, guerreira, determinada, que foi, deixando seu legado que está nas mãos de outra mulher guerreira, firme, determinada, que é mameto, a quem eu chamo mãe Lúcia (palmas). E dizer que nós, na Câmara Municipal de Lauro de Freitas, em um dos nossos momentos, nós aprovamos uma lei que traz o Terreiro São Jorge da Gomeia,

como bem imaterial e cultural no município de Lauro de Freitas (palmas), em reconhecimento ao trabalho e à luta que o terreiro tem, na sua resistência, no seu trabalho social, no seu trabalho cultural e no seu trabalho espiritual.

Nossa cidade, é uma cidade onde se concentra o maior número de terreiros de candomblé no estado da Bahia...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) e, lá, trabalhamos com o respeito às religiões e que, para termos o que a gente busca – que é a paz – a gente tem dois elementos necessários: o respeito e o amor unidos em todos os nossos trabalhos, as nossas religiões, com certeza, conseguiremos chegar à paz nesse país e nesse mundo.

Parabéns, a mãe Mirinha, que teve o seu legado deixado aqui na Terra e deixado especialmente para Lauro de Freitas. Parabéns, a mameto, que representa o Terreiro São Jorge da Gomeia e a todos os filhos e as filhas e aqueles e aquelas que estão, no dia a dia, na construção e no fortalecimento do Terreiro São Jorge da Gomeia. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido kota Malen Duca para fazer registro de presenças.

A Sr.^a Claudia Santos: Registramos aqui a presença de Lula Maciel, chefe de gabinete de Moema Gramacho, prefeita de Lauro de Freitas; a presença da deputada Olívia Santana; do Sr. Adilton Ferreira, Superintendente de Igualdade Racial do município de Lauro de Freitas; Sr. Gildásio Vieira de Freitas, historiador; Sr.^a Rose, Orixá Obá do Terreiro Ilé Axé Oxumaré Baba Pece; Sr. Fábio Macedo Velame, professor e assessor do gabinete da reitoria, que nesse ato representa o reitor da Universidade Federal da Bahia, o professor Paulo César de Oliveira; Sr.^a Adailma Crispina, presidente da Associação Quilombola do Distrito de Passé, Candeias; a Sr.^a Lindalva Ngejemim, kota do Terreiro Kawizidi Junsara; Sr. João Benedito, ogã do Onzó Dandamán; Sr.^a Carla Nogueira, coordenadora de jovens e adultos da SUPED, representando a Secretaria de Educação; Sr.^a Maria Cristina Celestino, ialorixá Mulheres de Axé; Sr.^a Sônia Maria Barbosa dos Santos, equede do Terreiro Oya Gimbé; Sr.^a Maria Clara Celestino, equede do Terreiro Ayra Lode Kau Ilé Axé Oyá Gimbé; Sr. Roberto Rodrigues, ogã do Ile Axé Opô Afonjá; Sr.^a Josenita Luz Almeida, presidente da Academia de Letras de Lauro de Freitas; Sr.^a Laurência Santana, acadêmica e diretora financeira, também da ACALFE; Silvana Cerqueira, equede do Terreiro Casa do Guerreiro de Pai Valdir Lopes em Lauro de Freitas; e, nossas convidadas, Sr.^a Maria Filinha, Marlene, Maria Magalhães da Silva.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Peça ao cerimonial que coloque uma cadeira e convido a deputada a Olívia Santana a fazer parte da nossa Mesa.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido a deputada estadual Olívia Santana a fazer os seus pronunciamentos. Chega já falando.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: A pessoa pega no tombo mesmo. Eu quero, inicialmente, tomar a bênção a todas as pessoas que estão participando desta cerimônia religiosa, mas muito em especial a mameto Lúcia, a homenageada desta manhã com toda a comunidade do Terreiro São Jorge; quero parabenizar minha colega, nossa querida deputada, parlamentar que tem tantos anos nesta Casa, Maria del Carmen, que é uma grande amiga, uma grande parceira, uma mulher que tem uma história que a gente tem que bater no peito e se orgulhar. Então, nesse momento em que Del Carmen faz esse gesto na direção do Terreiro São Jorge, celebrando 75 anos dessa instituição, mãe Jaciara, a gente se sente de alma celebrada. Eu sempre digo que a melhor forma de celebrar a ancestralidade é cuidando das vivas e dos vivos, de quem está aqui ainda entre nós, (palmas) e eu não tenho dúvida do valor desta sessão, meu querido tata Ricardo, meu querido padre Lázaro, porque é uma sessão que acontece dentro de um ciclo, um ciclo muito duro, muito difícil, que os terreiros de candomblé têm enfrentado na Bahia; uma perda dolorosa e dramática, terrível, que nós acabamos de passar com o assassinato de mãe Bernadete.

Portanto, ter uma Mesa tão representativa dos terreiros de candomblés de diferentes nações que vêm aqui para se encontrar, para receber uma homenagem institucional é algo que nós temos, de fato, que garantir: que esta seja uma Casa aberta a seu povo, ao povo que tem a cara da Bahia, que vive, que constrói a resistência, diariamente, porque este ato é um ato de resistência.

Eu sempre olho para esta Assembleia e fico triste quando eu vejo que a Assembleia tomou o formato de uma igreja e nós deveríamos afirmar o Estado laico (palmas). A laicidade do Estado garante que todo mundo possa chegar e se sentir bem no ambiente do Legislativo. Aqui, houve uma ruptura com o que determina a nossa Constituição quando se colocou esse monumento a uma única religião aqui, dentro deste Plenário. A gente não vê isso em nenhuma Assembleia Legislativa em nenhum estado brasileiro, somente aqui.

Portanto, essa presença dos candomblés aqui, dentro desta Casa, é, sim, um ato de resistência, minha secretária Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial.

Querida Luciana, o Ipac reconheceu o terreiro São Jorge como patrimônio da Bahia, patrimônio cultural deste estado da Bahia, e a gente tem que lembrar disso todo ano, fazendo essas celebrações, Ailton, que são celebrações que fazem parte desse rito humano que nós somos. A humanidade é feita de cultura, produz cultura e vivencia a cultura.

Portanto, todo ritual que acontece nos terreiros de candomblé são rituais de encontro entre as pessoas. E na hora em que a Assembleia Legislativa se abre para receber também os terreiros, Mãe Márcia, é um gesto de afirmação desses encontros, agora no plano da institucionalidade.

Portanto, eu quero é, ebomi Nice, tomar a bênção à senhora, que é essa mulher forte, tão expressiva, uma mulher de oyá, uma mulher que chega chegando, e que nos dá esse orgulho, essa alegria, porque a senhora sempre suplantou os limites do corpo.

Eu vejo outras ialorixás suplantando os limites do corpo e se colocando em todos os lugares a que são chamadas, que são convidadas.

Eu acabo de chegar de uma viagem que foi muito significativa para mim. Eu quero fazer, aqui... Deputada Maria del Carmen, nossa secretária Ângela Guimarães, que é minha amiga de uma trajetória de vida, Luciana, que é do Ipac, eu cheguei a Paris para a Lavagem da Madeleine, convidada pela organização daquele evento. Não é possível, a Bahia não pode ficar de costas para o que acontece naquela cidade, que é uma das cidades que mais aparecem na indústria cinematográfica no mundo inteiro.

E você tem um menino negro, gay, gago, que não fez universidade, que chegou ali participando de um grupo de dança e nunca mais voltou. Mas ali ele recriou a manifestação cultural baiana das lavagens. Eu fiquei impressionada com o que eu vi, mais de 6 mil pessoas na Praça da República, em Paris, vendo Pai Pote, babalorixá do estado da Bahia, abrindo os caminhos, fazendo um padê nas ruas de Paris, sem pagar R\$ 1,00, (palmas) para promover a cultura baiana, a manifestação cultural baiana que sai dos terreiros de candomblé. Os terreiros de candomblé da Bahia são o alicerce da nossa cultura, e não há intolerância, não há racismo religioso que possa impedir a grandeza da nossa contribuição cultural ancestral.

E eu saí de lá cheia de orgulho de Robertinho, de Pai Pote, daquelas ialorixás, aquelas brasileiras e brasileiros que foram lá e criaram o seu lugar, meteram o pé na porta, tata Ricardo, e abriram as estruturas daquela cidade.

E é um povo preto que nós não podemos folclorizar, nós não temos o direito de folclorizar a figura de Pai Pote, a figura de Robertinho e, em nome disso, negar apoio institucional para essa grande organização cultural que eles realizam em Paris. É preciso ter respeito às contribuições do nosso povo. Se Robertinho fosse branco, rico, ele teria tapete vermelho aberto no Brasil e na Bahia, teria financiamentos, chamariam ele para financiar, não deixariam que ele ficasse, Mãe Márcia, o tempo inteiro com o pires na mão, pedindo apoio, e as pessoas, na institucionalidade, fazendo chicana, fazendo desdém, porque é um homem negro, de terreiro de candomblé, que ousou reconstruir o seu lugar no mundo.

Eu não poderia ocupar este espaço sem fazer, aqui, este desabafo, Luciana. Nós, que estamos no governo, que somos de esquerda, temos a obrigação de não pactuar com nenhuma forma de desqualificação do nosso legado cultural. (Palmas)

Viva a resistência da nossa ancestralidade de matriz africana! Respeito ao nosso povo, porque, muitas vezes, é a falta de respeito, é o desdém, é a desqualificação que legitima, inclusive, as práticas de violência e até de morte. E quando a morte acontece, não adianta dizer: "Oh, por que não percebemos isso antes?" O racismo não está só lá no outro, muitas vezes está entre nós e a gente não consegue perceber.

Então, é isso. Viva o Terreiro São Jorge! Viva a nossa querida mameto Lúcia!

E eu dedico toda essa celebração à memória do nosso querido Raimundo, que trouxe, com tanta elegância, com tanta beleza, o nosso bloco que vai para as ruas para dizer ao Ilê Aiyê que, em termos de beleza, o Ilê não está sozinho, porque o Bankoma quando chega, chega chegando.

Forte abraço. Parabéns! Estamos juntas e juntos.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, deputada Olívia. Parabéns pelo seu pronunciamento, como sempre tão assertivo e tão forte.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à diretora-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, Luciana Mandelli, que neste ato representa o secretário de Cultura do Estado da Bahia, Bruno Monteiro.

A Sr.^a LUCIANA MANDELLI: Bom dia a todas as pessoas. Quero pedir licença aqui para saudar os meus mais velhos, meus mais novos, meus iguais. Quebrar rapidamente o protocolo e tomar a bênção a, primeiro, nesta Mesa aqui, meu pai, tata Ricardo, minha madrinha, ebomi Nice, e a todos ialorixás, ogãs. Nesta Mesa, saudar a deputada Maria del Carmen, proponente desta sessão, saudar minha mais velha parceira e irmã, representante do governador Jerônimo Rodrigues neste ato, minha parceira Ângela Guimarães, com quem eu tenho dividido diariamente as angústias dessa tarefa que é gestar política pública. Vou pedir desculpas a vocês porque eu estou falando tremendo por dois motivos: estou nervosa porque este lugar aqui é de muito respeito, muita responsabilidade, e tem aqui um ar-condicionado em cima da gente que não ajuda.

O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia cumpre a tarefa muito importante, em nome da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, de zelar pelo patrimônio, sobretudo pela salvaguarda dos nossos bens patrimonializados no estado da Bahia.

Estamos à frente dessa gestão há alguns meses. E desde o dia que a gente chegou ali que a gente tem aprendido diariamente que nós estamos vivendo ainda em tempos muito difíceis. É um momento de reconstrução da cultura do país, é um momento de reconstrução das políticas culturais do Brasil. E nós não estamos fazendo isso num céu de brigadeiro, a gente tem construído e reconstruído as estruturas de cultura do Brasil disputando, todo santo dia, espaço ainda com um profundo racismo institucional existente nas leituras das nossas legislações e nas organizações postas, disputando no Congresso Nacional. E no meio dessa representação que está constituída ali, naquele Congresso Nacional, muitos conceitos ainda não estão constitucionalizados, sobretudo da promoção de direitos, da promoção da igualdade entre todos e todas nós. E, nesses tempos difíceis, conseguir consolidar uma política que trate de democracia e que trate de inclusão e que trate de reparação é muito difícil. A gente esbarra em um conjunto de questões orçamentárias e burocráticas.

Eu estou querendo começar este discurso, esta fala aqui por este lugar porque o que nos ajuda e o que nos é orienta e o que nos estrutura para fazer essas disputas diárias é, sobretudo, a compreensão daquilo que quem veio antes cimentou, quem veio antes construiu e nos ajuda a compreender o que são as disputas que a gente tem que viver hoje. Então, nessa semana em que o Ipac completou 56 anos de idade, a gente tomou a decisão de não fazer uma comemoração pública muito ampla, a gente tomou a decisão de pedir a padre Lázaro que nos abençoa diariamente ali ao lado da

nossa instituição, para rezar uma missa e que fosse na Igreja do Rosário dos Pretos, com todo o simbolismo que tem ali.

Primeiro, porque a gente entendia que não é um momento de muita comemoração mesmo. A gente está vivendo um tempo muito difícil. O episódio de Mãe Bernardete não é um episódio aleatório, é o que a gente vive nas violências, hoje, estabelecidas.

Falar sobre patrimônio é falar sobre uma das primeiras políticas que permitiu a proteção aos terreiros como um lugar sagrado de representação e de identidade.

E ter vivido a infelicidade de ser gestora em um momento de violação de direitos tão profundo como esse não nos inspirava a fazer uma comemoração, nos inspirava a chamar nossa equipe para um momento de reflexão, de compreensão, mas de ação com os instrumentos que a gente tinha na mão para correr atrás, essa semana, de garantir, no mínimo, a abertura de mais um processo de reconhecimento de um terreiro, e assim a gente fez. Foi publicado no dia 3 a abertura do reconhecimento do Terreiro Ilê Axé Jarun, que faz parte da estrutura fundante do Bembé do Mercado, porque também, deputada Olívia, também sofremos com o Pai Pote nesta semana, correndo atrás de ver como podia ajudar. Não só nesta semana, mas passando meses tentando construir uma leitura sobre o que significa a ida da Bahia dessa forma para a Europa. Enfim, tantas outras questões que o estado da Bahia ainda precisa trabalhar, na verdade.

A gente está muito aquém e precisamos fazer muita coisa ainda para reparar a história, os direitos, as possibilidades. Então, o nosso esforço, nessa semana de comemoração, foi tentar trabalhar com orçamentos, planejamentos, garantir as estruturas burocráticas que garantam minimamente os direitos que o estado baiano tem que assistir aos nossos patrimônios, aos nossos bens e às pessoas, que são as fazedoras dessa história, dessa cultura e dos lugares por onde a gente anda e de onde a gente vem.

Então, estar aqui, hoje, deputada Maria del Carmen – e eu também queria agradecer em nome do nosso secretário por esta oportunidade, e me somando ao sentimento que a senhora expressou aqui –, é, para nós mesmos um momento de presente, não é? A gente é presenteado quando vive a possibilidade de comemorar, de saudar, de enaltecer, de valorizar e de aprofundar, na verdade, os valores que fundaram os terreiros na Bahia e que tem, nesse ato aqui, a expressão em homenagem à nação angola, que é uma nação que eu compartilho, a construção de uma tradição da Goméia, que é uma tradição que estrutura a história da Bahia, que estrutura a história do Brasil.

Quero saudar a viva Mãe Meirinha porque ela representa aqui... também nós estamos homenageando ela e na pessoa dela todas as mulheres de santo que transformaram essas casas, esses terreiros, esses ileaxés nisso que o tata Ricardo nos explicou aqui, nesse lugar de acolhimento, de atendimento, de atenção e de assistência, mas de mulheres que formaram um legado de luta, que nos ensinaram a organização social.

Quando a gente fala sobre a organização social dos movimentos na Bahia, as organizações econômicas, é muito injusto ainda que a universidade não compreenda e que a ciência ainda, em tese, não compreenda o papel de mulheres como ela para o desenvolvimento econômico local, para o desenvolvimento do planejamento urbano das cidades, enfim, o direito ao ir e vir. E tudo aquilo que Mãe Meirinha é uma imensa representação disso. Foi uma mulher que a vida inteira lutou, organizou a sua sociedade, colocou o Bankoma na rua, entre outras tantas coisas que foram narradas aqui que... Enfim, várias pessoas são testemunhas.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Então, hoje, aqui, em nome da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, em nome do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, eu gostaria de saudar esta audiência; saudar esta sessão; saudar o Ilê Axé, que acolhe Mãe Kamurici, dirigente que nos dirige, que nos orienta; saudar a vida de todos e todas vocês aqui, (palmas) e que a gente seja repleto, que a gente seja cheio neste dia de hoje, de força, de muito ingunzi, de muita felicidade, mas, sobretudo, de muita coragem para enfrentar essas batalhas que a gente tem pela frente para fazer valer a reparação real, porque a gente ainda deve muito, e que o estado da Bahia precisa impulsionar.

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, Luciana, importante a sua fala.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido agora a ebomi Vanda Machado para a sua fala.

Eu pediria à assessoria que verificasse o ar-condicionado, porque está frio demais e essa é uma reclamação constante aqui. (Palmas)

A Sr.^a EBOMI VANDA MACHADO: Bom dia a todas as pessoas, a bênção a todos e a todas. Eu preciso mesmo que todas as pessoas me abençoem, porque a essa altura o frio e a fome estão destruindo a minha inspiração. Mas tudo bem. (Palmas) É uma alegria muito grande estar aqui neste momento, é uma alegria encontrar Mameto, é uma alegria saudar a nossa sempre deputada. Enfim, estamos aqui.

Eu sou uma contadora de história, na verdade. Todo mundo pensa que eu sou historiadora, mas eu sou uma contadora de história. E eu vou contar uma breve história que é a da minha aproximação com o candomblé, quando eu não fazia ideia do que era candomblé, porque eu fui catequista toda a vida. Mas eu morava em Periperi, e em Periperi tinha um serviço de alto-falante, *A Voz do Ferroviário* – tem alguém aqui do Subúrbio? Tem algum suburbano aqui? –, que era o meio de comunicação mais importante. E foi esse meio de comunicação que me propiciou conhecer o candomblé, que, para mim, era uma coisa incrível, que eu não fazia ideia, que eu tinha medo. Quando eu via uma pessoa com aquele balaio na cabeça toda vestida e alguém atrás, eu tinha muito medo, eu não sabia se recebia a pipoca, se eu dava um dinheiro ou se ia acontecer alguma coisa horrível comigo. Isso tudo porque

nós não nascemos para ser pretos, nem pretas. Nós não nascemos para ser pretos nem pretas. Mas o que me ajudou mesmo foi o serviço de alto-falante *A Voz do Ferroviário*. É pena não ter ninguém suburbano aqui, ninguém que conheceu isso ou que era nascido ainda naquele tempo. E eu aprendi pelo alto-falante uma cantiga que... eu espero que vocês me ajudem.

Com isso, quero agradecer a todas as pessoas, agradecer a Mãe Mirinha do Portão. A Sr.^a Deputada Olívia Santana acabou de dizer uma verdade muito importante: “O melhor jeito de cuidar da ancestralidade é cuidar dos vivos.”, e eu sou uma pessoa que me considero uma cuidadora de vivos. Eu sou professora, eu acho que eu tenho a melhor profissão do mundo.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Calma, já estou terminando.

Mas eu só posso terminar se vocês me ajudarem a cantar a cantiga que eu aprendi pelo serviço de alto-falante *A Voz do Ferroviário*, que era o senhor, o pai da Goméia, cantando, porque ele foi também a primeira pessoa que gravou cantiga de candomblé.

Por favor, cantem, porque acho que não sei a cantiga toda.

(A oradora procede à cantiga.)

Saúde, saúde, saúde. Muita saúde e que tenhamos paz entre nós e os outros. Muito obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, Vanda.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra ao assessor especial Ailton Ferreira, que neste ato representa a secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia, Fabya Reis. Meu querido amigo, companheiro de caminhadas, muitas vezes.

O Sr. AILTON FERREIRA: Banda gira, a bênção. Bom dia a todos e todas. Cumprimentar a Mesa; meu pai, meu padre Lázaro; meu pai, meu tata Ricardo; minha mãe, Jaciara Ribeiro; minha outra mãe, Vanda Machado; minha outra mãe – estou pagando academia para ela, viu? Vocês estão sabendo disso? –, minha mameto Lúcia.

E a academia, como é que está? Está boa? Está, não está?

Minha companheira, deputada Maria del Carmen; minha secretária, aqui representando o governador do estado da Bahia, Jerônimo, nossa Ângela Guimarães; minha companheira ali do lado, fizemos algumas fofocas hoje, Luciana Mandelli, que está cuidando do Ipac, do patrimônio histórico; minha companheira vereadora, Naide Brito, lá das lutas do quilombo, do Quingoma; minha mãe, ebomi Nice, a sua bênção; minha mãe, Márcia de Ogum; meu amigo, companheiro, desembargador Ivanilton. Vocês todos, minhas irmãs meus irmãos, a bênção.

Eu estava perguntando a Jéssica: "Vou cantar o quê?" Jéssica disse: "Você não vai cantar nada, porque não tem agdavi". Aí, eu fiquei pensando. Conversei com Luciana e ela disse: "A gente que fala por último não tem muita chance, porque todo

mundo já falou tudo". Aí, eu estava olhando o pano. Nós recebemos na Mesa uma sacola com um pano do Bankoma. Não vou nem elogiar o Bankoma, porque é demais. A deputada Olívia falou aqui, há instantes, que o Bankoma é tão bonito, mas não está sozinho, porque o Ilê também é bonito. Aí, eu disse: "A senhora acabou de ganhar duas cortesias".

Mas, olhando ali o pano, eu lembrei de Caetano Veloso, em 1975. quando ele canta "A tua presença morena". Claro que eu não vou cantar, eu vou, aqui, decifrar, porque eu achei isso bonito e oportuno. Antes de mais nada, eu queria que a gente hoje, sexta-feira, também, além do que estamos tratando aqui, lembrasse de Gabriel Silva Conceição Júnior, aquele menino de 10 anos, filho da gente. (Palmas)

A letra de Caetano diz assim:

(Lê) "A Tua Presença é branca, verde, vermelha, azul e amarela."

(Olha a cor lá, não é? Do Bankoma!)

"A tua presença é negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra e negra.

A tua presença transborda pelas portas e pelas janelas.

A tua presença silencia os automóveis e as motocicletas.

A tua presença se espalha no campo derrubando as cercas.

A tua presença é tudo que se come, tudo que se reza.

A tua presença coagula o jorro da noite sangrenta.

A tua presença é a coisa mais bonita em toda a natureza.

A tua presença mantém sempre teso o arco da promessa.

A tua presença."

A presença de Mãe Mirinha, de Portão; a presença de Mãe Lúcia, do São Jorge da Gomeia; a presença do mandato da deputada Maria del Carmen, que eu conheço há uns 30 anos e que eu considero, secretária Ângela Guimarães, provavelmente a parlamentar, deputada que mais conhece os becos, as ladeiras e as ruas da Bahia, de Salvador principalmente. (Palmas)

Bom, Maria chegou à Bahia com 4 anos de idade e entendeu de ser baiana e entendeu de cuidar de periferia, e entendeu de fazer parcerias com as associações de moradores, entendeu de se juntar, na década de 80, com a Federação de Bairros de Salvador, a FBS. É uma presença importantíssima no nosso cenário político.

Esta Mesa está cheia de gente com presenças importantes, cada um em sua área; esta Mesa tem presenças religiosas diferenciadas, presenças de cores diferenciadas, presenças de origens diferenciadas. E todo esse Plenário, com certeza, tem presença de valores que também a gente não pode fazer acordos o tempo todo, mas, neste Plenário e nessa Mesa, a gente pode, sim, fazer uma agenda coletiva de paz, de amor, de fraternidade, de afeto, de acolhimento, de quebra de preconceitos, de combate ao racismo, de combate ao racismo religioso, de combate à homofobia, de combate ao feminicídio, de combate à fome. E se tem, Mameto Lúcia, alguém que sabe fazer tudo isso, numa síntese, são os terreiros. Nos terreiros de candomblé a gente toma a bênção às trans, toma a bênção aos gays, toma a bênção aos velhos, toma a bênção aos meninos e toma bênção ao cachorro, ao bode, toma a bênção ao frango, toma a bênção

à galinha e sabe que a árvore é nossa mãe e que a terra não é nossa, nós somos filhos dela.

Então, o Brasil, em vez de maltratar os terreiros, deveria ficar de joelhos para agradecer, porque se não fossem os terreiros a barbárie brasileira seria bem pior e bem pior para as mulheres, os gays, os pobres, os pretos e as pessoas idosas.

Então, viva São Jorge da Goméia! (Palmas) Viva Joãozinho da Goméia, o pai de santo mais famoso do mundo, o pai de santo mais famoso do Brasil, o rei que ousou cantar, representar, se vestir, ousou ocupar...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) nos anos 50, um espaço no Rio de Janeiro. Faleceu em 71, mas deixou um legado, um legado que encerra, inclusive, algumas contradições, porque também no candomblé a gente, diferentemente do WhatsApp, todo dia aprende a conviver com as diferenças, porque a gente conversa, acolhe, discorda, toma a bênção, porque no terreiro a gente reconstruiu a família que a diáspora tentou matar. Inventaram de nos matar, mas nos terreiros a gente combinou de não morrer.

Ao etù, a bênção. (Palmas)

(Procede-se à saudação religiosa.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra a Mameto Kamurici, do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia. (Palmas)

A Sr.^a MARIA LÚCIA SANTANA NEVES (MAMETO KAMURICI): Bom dia, já boa tarde. Agô, bandagira, licença, *ngunzo*, mucuiú, todas as palavras para pedir licença para falar, para adentrar, para ocupar os espaços.

Eu estou sem palavras neste momento. Vou tentar ser rápida porque todos vocês já disseram tudo e mais alguma coisa. Eu estou muito emocionada. Neste momento, quero saudar todos da Mesa. A deputada, pelo carinho, pelo respeito, por ter percebido, entendido, acolhido esse pedido de nós estarmos aqui hoje, neste momento, celebrando dessa forma, nesta Casa que é do povo, mas é só em palavras e hoje está se fazendo real, porque nós estamos aqui dentro.

Ângela, que é secretária, mas que é amiga, que é uma pessoa que adentra as nossas casas, como, praticamente, todos que estão nessa Mesa. Isso é muito importante porque a gente fala Mesa, mas a gente sabe que a gente não é dessa forma, não é? Mas cada pessoa que está aí, são todas do peito, do coração.

Ao Sr. Ivanilton Santos, desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, que está aqui hoje conosco, agradeço a sua presença, de juntar, se unir a nós dentro desse conjunto de homenagens; Luciana, do Ipac, vamos nos encontrando, nos reencontrando e construindo esse grande *ala*, essa grande *alaka*, essa grande tecelagem, esse grande pano que reúne todos nós. Mesmo distantes, mas sabemos que fazemos parte da mesma tecelagem, do mesmo pano, que é feito pelo nosso criador e por aquilo que a gente acredita.

Ailton, não só táta, não só nessa questão do gunzo, não só nas questões políticas, mas em todos os momentos, na parceria, na amizade, no carinho, no respeito. A prefeita, que não está mais aqui, mas que esteve presente nesse momento, juntando, porque o Terreiro São Jorge Filho da Gomeia está em Lauro de Freitas há 75 anos, antes, muito, talvez, de ela conhecer ou saber que era Lauro de Freitas, antes de a cidade ser emancipada.

A vereadora Naide, temos também uma caminhada de respeito, também dentro da política, dentro do conjunto em que entendemos o que é ser quem somos e nos juntarmos na hora que é devida; a minha mãe, a minha amiga, a minha madrinha, a minha mais velha, ebomi Nice – eu estou lendo aqui na ordem, gente, por isso que está assim meio para lá e para cá, me perdoem –, a sua bênção minha mãe, minha mãe me abençoe.

A ebomi Vanda, por tudo que ela representa, pelo carinho, por sermos todos parte desse grande pano, como eu já falei e por estar aqui hoje junto comemorando, fisicamente, conosco; a Jaciara, mãe Jaciara, essa pessoa que a gente conhece. Às vezes, as pessoas dizem: “Ah, por que fulano está aqui ou por que tem essa amizade?” Eu nunca falei, nunca disse o porquê e hoje ela chegou aqui para contar, naquele momento, quando ela foi para o terreiro dar aulas para as nossas meninas, para os nossos jovens e a gente não esquece, não é, mãe?

Minha irmã Márcia, a sua bênção por tudo, pelo que você faz pelo candomblé, pelas representações políticas. Eu sempre digo que onde cada um de vocês estão eu preciso estar, sim, para somar, mas eu sei que eu estou lá também porque vocês todos me representam. Meu irmão Táta Ricardo, irmão de nação, irmão de religião, irmão de luta, irmão de batalha, irmão que quando a gente chama está junto.

Sua bênção, padre. Padre Lázaro, o que eu falo do senhor? Amor, amizade, respeito pelo senhor adentrar todos esses espaços através da igreja, da igreja católica, e a gente entender que o tempo passa e a gente precisa aprender a conviver bem, a viver bem. O passado, a gente não esquece, a gente aprende que é para fazer melhor e não repetir os erros. (Palmas)

Mais uma vez, a deputada. Não esqueci ninguém não, falei de todo mundo, não é? Quero agradecer por este momento, por esta homenagem, por nos trazer para esta Casa, onde já se falou daquela representatividade, numa cidade, numa Bahia, num estado onde a maioria da população é negra. Eu sou Mameto Kamurici, a mameto de inquite do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, da linhagem de Seu João da Gomeia e de Mãe Mirinha de Portão. Agô, bandagira, licença, a bênção a todos os meus mais velhos, a bênção a todos os meus mais novos, agô, licença, bandagira.

Seu João da Gomeia foi um homem à frente do seu tempo, um homem que levou o candomblé da Bahia para o Rio de Janeiro, um homem que levou o candomblé da Bahia para o mundo, para a cultura, para os palcos, para a vida, para tudo que ele representava: homem, negro, homossexual. Mas com todo o respeito que a minha avó, Mãe Mirinha de Portão, minha mãe de santo, sempre nos ensinou a ter pelo ser humano e pelo outro, de não julgar a sua opção sexual, religiosa, seja lá o que fosse.

Nós, povo de santo, nós, povo de candomblé, adentramos aqui hoje neste espaço, a convite da deputada, quando se falou da representatividade, não é? O candomblé, gente, é uma religião, é a religião do povo trazido. Nós somos, sim, religião de candomblé, mas nós somos um povo, um povo que tem cultura, culinária, vestuário, dança, religião e tudo.

Se a gente bem fosse entender e prestar atenção, talvez o candomblé ou as religiões de matriz africana fossem literalmente a religião brasileira porque ela se faz e se constitui aqui e ela vem para reconstruir, para reconectar, para juntar, para nós sobrevivermos por conta de todas as atrocidades que foram cometidas contra nós. E nós conseguimos, dentro desses 500 anos de existência e resistência, nos sendo negados todos os direitos possíveis e imagináveis e a gente continuar vivo, a gente continuar íntegro, a gente continuar tendo fé.

A gente, sendo um povo de paz, não tem na história da nossa humanidade, na nossa história, que a gente tenha agredido qualquer que seja outro segmento religioso. Não existe. Somos sempre nós que somos agredidos, e a cada dia somos agredidos mais ainda. Hoje, essas agressões são muito piores porque são agressões veladas, aquelas agressões que, às vezes, você não tem nem como explicar ao outro que você está sendo agredido, porque você não tem como dizer que fizeram isso contigo. A gente constrói uma coisa aqui e alguém quer construir algo do lado para lhe combater, para lhe destruir.

No município onde eu vivo, em Lauro de Freitas, onde, quando mãe Mirinha criou o Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, ainda não era emancipado, se chamava Santo Amaro de Ipitanga. Há registrado, mais ou menos, 400 terreiros. Hoje, a cidade cresceu. Mesmo assim, ainda acontecem as dificuldades.

A deputada falou da Lavagem de Madeleine. Maravilha, uma fala lindíssima. Mas não é só lá, em Madeleine. É aqui. Como ela disse, se ele fosse branco... Mas, aqui, acontece isso todos os dias, todas as horas.

O terreiro é tombado como patrimônio do estado. Eu estou lutando para o tombamento pelo Iphan. Quando eu fui buscar o tombamento do estado, não foi por glória, não foi por nome, é para que a pessoa, que me suceder, assim como eu sucedi Mãe Mirinha de Portão, as coisas sejam mais fáceis, e aquele espaço seja preservado como terreiro. (Palmas)

Eu levei, gente, 15 anos, repito, 15 anos, andando para o Ipac. O Terreiro São Jorge foi o primeiro terreiro a ser tombado pelo patrimônio do estado. Durante 15 anos, eu ia para lá. Eu me sentava. Depois que o terreiro foi tombado, os repórteres foram, lá, me perguntar se eu sabia o que era tombamento. Eu disse a ele: “Talvez, quando eu fui buscar, não. Mas como eu levei 15 anos andando para lá, eu aprendi.” (Palmas)

O tombamento é pela preservação. Hoje, nós temos, Luciana, nós estamos, aqui, pedindo, nesses 56 anos de existência, que se tenha esse olhar, que nos ouça, verdadeiramente, a nossa fala, a nossa forma, a nossa gesticulação de corpo, a nossa forma de falar, o nosso jeito de falar, que é diferente. Talvez, por conta de falarmos diferente, vocês não entendam aquilo que a gente está falando.

Este é um momento de comemoração e de celebração. São 75 anos. Agora, estão começando, também, as comemorações dos 100 anos de existência de Mãe Mirinha. São anos de existência, resistência, amor e acolhimento de tudo o que todos os terreiros sempre fizeram e fazem.

Eu quero agradecer a todos vocês.

Eu quero pedir, também, a todos nós que, a cada vez, a gente não deixe eles dizerem ou quem quer que diga que nós não nos unimos. Nós somos o povo mais unido que existe. Senão, a gente não estava aqui. (Palmas) Não podemos, todos os dias, estar um na casa do outro. Não é, Tata Ricardo? Os nossos calendários são muito parecidos. Não é, mães? Mas quando toca na casa de Mãe de Jaciara, de tata, está tocando na minha casa, está tocando no meu coração, está tocando em mim, está tocando em todos nós.

Mãe Mirinha de Portão deixa este legado, que eu tenho orgulho. Mas é um orgulho que vocês não têm dimensão. Eu não tenho palavras para expressar, de ser neta e carregar este sangue nas minhas veias, de pertencer a essa linhagem, e de tentar fazer o meu melhor, porque, às vezes, eu não consigo. (Palmas)

Mas tento fazer o meu melhor para que o candomblé seja respeitado, que o candomblé seja bem-visto e que, simplesmente, a gente possa cultivar e realizar o nosso candomblé em paz

A caminhada tem Bone Gemb. Ela foi criada há 5 anos por conta disso, de chamar todos, de todas as nações, todas as pessoas de candomblé e todas as pessoas que comungam entender que todos nós temos direito de estender esse grande “*nidele molele*”, esse pano branco, esse alá, na avenida de Portão para que esse branco vá para o universo e retorne, para nós, em “gunzo”, em paz e amor, que haja um entendimento de que somos um povo, e que a gente precisa viver em paz e que a gente tem direitos, como todos. (Palmas)

Mãe Mirinha de Portão era a instituição. Ela era parteira, conselheira, agência de emprego, enfim, ela era tudo. Criou aquele terreiro há 75 anos, criou aquele legado. Nós, descendentes desse legado, estamos, aqui, hoje e sempre para continuar mantendo viva a memória dos nossos, porque se não fossem eles, não estaríamos aqui.

Eu quero agradecer a todos vocês em nome do Terreiro São Jorge Filho da Gomeia, em nome da ancestralidade, em nome de todos os inquices, em nome de todos os “bakus”, de todos os caboclos e de todas as energias daquela casa.

Digo isso porque 75 anos são para comemorar, mas 75 anos são para nos fortalecer.

Digo aos meus filhos, aos meus amigos, aos meus irmãos que a gente continue lutando e que a gente não deixe de acreditar.

Eu sou Mameto Kamurici.

Eu escolhi e fui escolhida pela religião de matriz africana.

Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Procede-se à saudação religiosa.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Quebrando o protocolo, convido o desembargador Ivanilton para fazer uma saudação muito rápida e breve por causa do horário da Casa, pois os trabalhos se encerram às 12 horas. A gente já caminhou muito.

O Sr. IVANILTON SANTOS DA SILVA: Vocês sabem o Canto de Oxalá?
(Procede-se à saudação religiosa.)

Como eu não sou bom cantor, eu sou um cantor razoável, eu estou usando o celular. Mas está muito baixinho, não está? Vocês estão ouvindo?

(Procede-se à saudação religiosa.)

Esta é uma saudação. É o Hino de Oxalá.

Eu peço permissão à Mesa, porque o tempo já não existe mais. Eu sinto no olhar, no gesto e, até, no sorriso uma certa impaciência. Eu tinha me programado para levar aqui, pelo valor dessa plateia, umas 2 horas falando (risos), mas parece-me que só tenho 2 segundos. Tendo 2 segundos, vou tentar aproveitá-los da melhor maneira possível.

Peço a permissão a essa ilustre Mesa para saudá-la em nome de mãe Maria del Carmen. Saúdo à mãe, nossa mãe Maria del Carmen. O maior título que uma mulher pode receber, é o título de mãe (palmas), e eu estou sugerindo aqui, neste momento, que essa assembleia de terreiros, por aplauso, diga: “Viva, mãe Maria del Carmen” (palmas), que agora será conhecida, pelos aplausos que vocês aqui acabam de manifestar, como mãe Maria del Carmen (risos) e não deputada Maria del Carmen.

Meus amigos, quero aproveitar estes 2 segundos que tenho – 2 segundos não: agora 1 segundo apenas – para dizer que, ao sentar-me aqui e olhar para vocês, uma emoção muito grande tomou conta do meu coração. Eu me senti muito feliz por esse encontro. E digo, como, certa feita, disse um professor, na minha faculdade de Direito: “não há lugar no mundo onde a gente possa se sentir melhor do que no seio da família.” Eu me sinto perante vocês, como estando no mesmo lugar, no mesmo plano, no mesmo nível, no seio da minha família e por isso estou muito feliz (palmas).

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Tantas senhoras... já está tocando, é? Passou 1 minuto? Então, eu tenho apenas de lembrar para vocês, exteriorizando o que sinto neste momento, e que transborda, através de minha fala. Para vocês, lembro o mandamento do Senhor Jesus Cristo – mas antes, só uma palavrinha, na esteira do que disse a deputada... Cadê ela? Já foi? Olívia!

Vejam! Observem, meus irmãos e minhas irmãs: o barco, o barco – só um minutinho só, para aproveitar esta Assembleia tão importante – o barco... Sabem quantos desembargadores negros existem? Dois. Eu e um outro, em um universo de 60 desembargadores. E naquele barco ali, quantos negros têm? Nesse barco aqui, quantos negros têm? Apenas dois. Lastimável isto! Uma coisa que nós temos que combater e corrigir. O povo da Bahia não está ali representado, não, porque nós,

segundo a estatística, somos maioria. E por que nós temos ali apenas um ou dois? Por que não está ali naquela placa alguma coisa referente aos nossos orixás?

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Aos nossos deuses? Então, ainda que admitindo, não quero que tirem, mas devem acrescentar, porque nós não somos inferiores a qualquer religião no mundo; no mundo. (Palmas) E aproveito a frase que conduz a minha vida, um mandamento só eu vos deixo: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” Eu amo todos vocês.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, doutor.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra à secretária estadual da Promoção da Igualdade Racial, Ângela Guimarães, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues.

A Sr.^a ÂNGELA GUIMARÃES: Quero dar um bom dia, quase boa tarde, a todas, todos e todes; quero saudar nossa ancestralidade, pedindo a bênção às nossas mais velhas e mais velhos, aos mais novos e mais novas e aos iguais; quero também pedir licença a esta Casa para quebrar o protocolo e começar saudando aqui as nossas matriarcas das religiões de matriz africana, do candomblé, então quero saudar a nossa querida mameto Kamurici, zeladora do terreiro de São Jorge Filhos da Gomeia, da linhagem de Joãozinho da Gomeia, de mãe Mirinha de Portão, também celebrada e homenageada aqui nesta sessão; quero saudar nossa querida ebomi Nice de Oyá, essa grande mãe de todas e todos nós, inspiração, régua e compasso para a nossa existência; quero saudar a ialorixá Márcia de Ogum também aqui; a nossa ebomi Vanda Machado; a nossa ialorixá Jaciara Ribeiro e o tata Ricardo.

Quero iniciar saudando esses e essas e, desde já, fazer referência à deputada Maria del Carmen, proponente que abre as portas desta Casa para fazer reverência aos 75 anos do Terreiro São Jorge, ao centenário de mãe Mirinha de Portão, porque é muito importante que este espaço aqui tenha regularidade no conhecimento dessa potente história, desse potente legado que ajudou a civilizar, sim, a nossa Bahia e o nosso Brasil, porque é impossível contar a história da nossa Bahia e do nosso Brasil sem fazer referência à contribuição imensa – à contribuição civilizatória, religiosa, cultural, econômica, arquitetônica, científica, humana – dos povos africanos trazidos à força para este nosso país.

Então, eu quero, na sequência, saudar aqui o Sr. Ivanilton Santos da Silva, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, que acabou de se pronunciar; a Sr.^a Luciana Mandelli, diretora-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, uma grande amiga querida que aqui representa Bruno Monteiro, secretário de cultura do estado da Bahia, outro amigo; saudar o assessor especial da Seades, ogã Ailton Ferreira, que também representa aqui – não só a ele mesmo, porque tem tarimba suficiente, história e legado, mas representa também – a secretária Fabya Reis; saudar a vereadora, Naide Brito, que esteve aqui, presidenta da câmara; Moema Gramacho, prefeita de Lauro de Freitas; saudar o nosso querido, padre Lázaro, essa expressão de

amor, de respeito, de convivência, de solidariedade e, assim, abraçar todas as autoridades, todos os membros das religiões de matriz africana, todas as casas, todas as autoridades civis também aqui presentes.

Eu não quero estressar todo mundo, porque eu sei que já extrapolou o horário do almoço, é uma celebração com muitas falas que são importantíssimas para a gente deixar aqui registrado nesta Casa que tanto tem a aprender com as religiões de matriz africana. Mas eu não poderia deixar de oferecer algumas palavras, até porque eu venho a este púlpito, eu venho a esta Casa representando o nosso governador da Bahia, o governador Jerônimo Rodrigues, que, de forma muito carinhosa, pediu para que eu pudesse estar presente aqui e fazer essa saudação, reconhecendo e reverenciando a trajetória do Terreiro São Jorge, Filhos da Gomeia, reconhecendo o seu papel na preservação da nossa memória ancestral, na preservação e na continuidade dos valores civilizatórios africanos da nossa cultura, e a sua imprescindibilidade para manter a população negra de pé, lutando contra o racismo, lutando contra a violência, lutando contra o racismo religioso e todas as formas que muitas vezes atravessam a presença de quem é de matriz africana no nosso estado e no nosso país.

Quero falar também que os terreiros de candomblé, além de serem esse esteio, essa matriz que ensinou aos nossos povos orgulhosamente a ostentar suas contas, os seus ojás, as suas roupas, cultivar a sua ancestralidade, também, por muitas das vezes, é o socorro mais imediato, que muitas vezes a ausência do estado nos territórios negros, nos territórios periféricos não consegue alcançar.

Então, eu quero falar aqui do trabalho fundamental, além de proteção da identidade negra e de cuidado com a espiritualidade, de enfrentamento ao racismo, como os terreiros são essa porta de acesso àquelas pessoas mais necessitadas e, muitas vezes, é ali que o primeiro socorro chega, até que o estado conseguisse formular as suas políticas de saúde, com o Sistema Único de Saúde, as suas políticas de assistência social, ...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) as suas políticas de preservação do patrimônio cultural e as suas políticas também de promoção da igualdade racial.

É impossível contar a história sobre a criação dos espaços como o Ministério da Igualdade Racial, como a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, deixando de levar em conta o papel que os terreiros tiveram na preservação e na organização política do nosso povo, para exigir do estado políticas públicas.

Quero também fazer referência a nossa ancestral mãe Mirinha de Portão, fundadora do Terreiro São Jorge, Filhos da Gomeia, com o seu papel de líder espiritual, mas seu intenso trabalho social em prol da localidade que incorporou o seu nome. Mãe Mirinha é essa grande referência na preservação das raízes e tradições de matriz africana, mas também do fortalecimento do candomblé e das melhorias das condições de vida da população de Portão nas áreas da saúde, habitação, infraestrutura, e de visibilidade para quem celebra e cultua os nossos legados ancestrais.

Então, nesse sentido, como muito aqui já foi falado, eu vou cortar o discurso que estava aqui e quero dizer, deputada Maria del Carmen, e fazer referência também à deputada Olívia Santana, que passou por aqui, e à sua assessoria, que continua. que nós precisamos, para afirmar o estado laico, garantir que às sextas-feiras esta Casa possa se cobrir de branco, como hoje se cobre aqui, reverenciando o legado ancestral de Mãe Mirinha de Portão, reverenciando a trajetória do terreiro São Jorge. E que a gente consiga fazer valer esse legado abrindo as portas desta Casa para que várias casas religiosas e várias experiências de matriz africana tenham aqui assento às sextas-feiras.

Para enfrentar o racismo institucional, para garantir o estado laico, para garantir que esta Casa paute de forma cotidiana, meu querido Elias, as necessidades dos povos de matriz africana é necessário que essa sexta-feira não seja apenas uma em todo o ano de 2023, mas que sejam várias sextas-feiras, que outras casas, que outras lutas, que outras celebrações, que outras memórias, mas que também esse legado vivo por reconhecimento, por justiça, por direitos, contra o racismo se faça presente sempre dentro desta Casa e em outros espaços institucionais que devem muito ao legado ancestral dos povos africanos e ainda não conseguiram iniciar o pagamento dessa dívida.

A Sepromi se coloca aqui, nós temos um equipamento público que é o Centro de Referência Nelson Mandela de combate ao racismo e intolerância religiosa, que atua acolhendo denúncias e atua também fazendo um trabalho preventivo e educativo para que o racismo, para que a intolerância, para que as violências não sejam práticas cotidianas de ataque a quem professa as religiões de matriz africana. Então, por mais celebrações como esta, pelo enfrentamento ao racismo institucional, por mais escuta atenta às demandas dos povos de matriz africana, para que a gente possa revolucionar o estado baiano e o brasileiro. E a gente siga aí por um futuro livre do racismo, livre das intolerâncias, livre da violência e um futuro ancestral de direito, respeito e dignidade a todas as pessoas.

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, secretária Ângela, pela alegria de tê-la aqui representando o governador, mas também com a alegria do seu pronunciamento. Quero dizer que pode contar com o nosso mandato, que a sua proposta é uma proposta interessante, conversaremos com a deputada Olívia Santana para juntas propormos isso à Casa Legislativa.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Devo explicar que, às sextas-feiras, pela tarde, a Assembleia não tem expediente, portanto a nossa preocupação com os profissionais que trabalham aqui e que ficam somente até as 12 horas, e hoje nós extrapolamos bastante o nosso horário.

Queria ainda registrar a presença do portal *Programa Voz do Axé*; de Cleide Rezende, que é presidente do Conselho de Mulheres de Lauro de Freitas, me dirigir e agradecer por todo o apoio, todo o carinho e toda a sua iniciativa – esse presente veio

através das suas mãos para que a gente pudesse estar aqui, hoje, reunido – meu querido amigo Ápio Vinagre. Um beijo do meu coração. (Palmas)

Não podia deixar de registrar e agradecer, também, à nossa assessoria, à assessoria do nosso mandato, que está aqui presente. Queria que levantassem os que estão aqui presentes. E também aqueles que forem dos terreiros e que aqui estiveram, organizando, mobilizando e fazendo com que esta festa, este momento fosse tão bonito. (Palmas)

Eu queria, já nesse final, entregar à nossa Mãe Lúcia uma pequena recordação desta sessão, uma plaquinha registrando esse nosso dia.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Neste momento, assistiremos a apresentação da banda Bankoma.

Em nome da Assembleia Legislativa, porque vou encerrar e, aí, a gente fica assistindo a apresentação, agradeço pela presença às autoridades civis, às Sr.^{as} e os Srs. Deputados, agradeço pela presença a todos, dizendo da alegria de ter participado, de ter tido a oportunidade de homenagear quando nós é que saímos daqui, hoje, com essa homenagem, vendo o trabalho e toda a mobilização. Obrigada.

Declaro a encerrada a presente sessão. (Palmas)

(Apresentação musical.) (Palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.